

OS SABER EM TODOS OS LUGARES

UPAC

UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA

FALA,¹¹
comunidade





OSABEREMTODOSER

1º CONGRESSO ABERTO DA UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA / 11º FALA, COMUNIDADE!



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE E DEFESA CIVIL DO RIO DE JANEIRO

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE E DEFESA CIVIL

Prefeito
Eduardo Paes

Secretário
Hans Fernando Rocha Dohmann

Chefe de Gabinete
Rita Weiler

Subsecretário Geral
Anamaria Carvalho Schneider

Subsecretário de Gestão
Flávio Carneiro Guedes Alcoforado

Subsecretário de Defesa Civil
Sérgio Simões

Subsecretário de Vigilância, Fiscalização Sanitária e Controle de Zoonoses
Arnaldo Levy Lassance

Subsecretário de Atenção Hospitalar, Urgência e Emergência
João Luiz Ferreira Costa

Subsecretário de Atenção Primária, Vigilância e Promoção de Saúde
Daniel Ricardo Soranz Pinto

Coordenação do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde
Vitor Pordeus

FOTOS
Marina Faissal e CEDAPS

DIAGRAMAÇÃO
Cristhianne Mandalozzo Vassão

000:000
P000t

PORDEUS, Vitor. **O saber em todo ser.**
Rio de janeiro: SMSDC, 2011. xxp. : il.

ISBN 000-00-00000-00-0

1. Arte - ciência - saúde. 2. Saúde pública - arte - teatro. 3. Imunologia - arte. 4. Título.

O SABER EM TODO SER

1º CONGRESSO ABERTO DA UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA / 11ª FALA, COMUNIDADE!



TEATRO DE REVISTA CIENTÍFICA. CONVIDADOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS. DIREITOS HUMANOS. LIVRE MANIFESTAÇÃO. OFICINAS. IMPREVISIBILIDADE. SHOWS. ALQUIMIA. DEBATES. MÚSICA. IMAGENS DO INCONSCIENTE. NISE DA SILVEIRA. CIRANDAS DA VIDA. ORGANISMO. ESCAMBO LIVRE. ARTISTAS. CIENTISTAS. EDUCAÇÃO POPULAR. SAÚDE.

Bem-vindos/as,

Sim, todo ser humano é curioso e criativo. E sim, o viver é conhecer e o conhecer é viver. E que aprenda o mais simples. Aprendemos o tempo inteiro uns com os outros, com os insetos, com os gatos, com as plantas, basta ter um olhar atento e ver o tanto de coisas incríveis que estão acontecendo conosco o tempo inteiro. A vida é muito maior, mais misteriosa e profunda do que supõem nossos sentidos que nos enganam.

Por isso, inventamos espaços de encontro como este: relações humanas, lugares, oficinas, convivência e liberdade. O programa é não ter programa. Você é responsável pelo desenvolvimento do seu projeto. Arte e Ciência juntas a favor da vida, da natureza, da humanidade. Ética e estética, honestidade e beleza. “Só posso ser bela se for antes honesta”, diz Ofélia ao Príncipe Hamlet. Oficinas, experimentos, experimentar o experimental. Todo ser humano é artista, todo ser humano é cientista. Precisam assumir isso, explorar os tesouros do conhecimento para aqueles cuja hora chegou. Nunca é tarde demais. Fazemos isso porque queremos ser cidadãos num estado livre, de permanente criação de direitos, de respeito, de solidariedade entre os povos, entre as classes, entre as tribos.

Nós, cidadãos, estamos inaugurando o I Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência em conjunto com o 11ª Fala, Comunidade!, no Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro, afirmando que é possível transformar a nós próprios e ao nosso mundo, demonstrando nossas experiências que, mais do que provam, inspiram um caminho trilhado por gênios da grandeza de Nise da Silveira, uma das maiores cientistas da alma humana do mundo, e o grande Paulo Freire, anunciador da liberdade humana, da solidariedade, da beleza, da cultura, da nobreza de ser gente.

O saber em todo ser. É assim. A experiência demonstra.

UPAC
UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA

FALA,¹¹
comunidade



Uma História da Universidade Popular de Arte e Ciência.

Nelson Monteiro Vaz, quando chegou na FIO-CRUZ na década de 50, seu querido mestre Haity Moussatché, um judeu sefardi turco que foi um dos fundadores da ciência fisiológica no Brasil, disse a ele: “Fique à vontade, fique por aí perguntando, é você quem pergunta.” Nelson fez o mesmo comigo.

Dra. Nise da Silveira já defendia uma universidade aberta. Ela própria nunca pediu diploma para ninguém, aceitava a quem quisesse nos seus importantes espaços de formação. Inclusive em sua própria residência, onde quem aceitavam ou não os visitantes eram os gatos. Nise ficou presa dois anos no antigo Presídio da Frei Caneca, saiu “com mania de liberdade.”

Amir Haddad aceita a todos na melhor escola de teatro da cidade, Escola Carioca do Espetáculo Brasileiro, Instituto Tá Na Rua, na Lapa, na Praça, ao alcance de todos. “Nenhuma porta está fechada, nenhuma porta está aberta”, cidadania, autonomia para os que encaram a vida.

Baruch de Espinoza, expulso da Sinagoga de Amsterdam aos 23 anos, perseguido e humilhado, colocado na lista negra da Santa Inquisição que só não o pegou porque vivia na Holanda, a primeira República na Europa. Recusou ainda o cargo de Professor na Universidade de Heidelberg. E defendia o livre conhecimento da arte e da ciência, numa Democracia.

Paulo Reglus das Neves Freire ficou 16 anos exilado do povo e do país que amava, viveu infância difícil em Recife, resistiu, lutou e desenvolveu uma visão científica sobre o ser humano de generosidade e liberdade, pedagogia reconhecida e trabalhada nos quatro cantos da Terra. Só no Brasil ainda fazemos políticas públicas didático-prescritivas-polícialescas.

Francisco José Pacheco fundou e construiu ao longo de 40 anos de luta a Escola da Ponte, modelo pedagógico reverenciado em todo o mundo. Educação com liberdade, promoção da saúde, onde todo ser humano é curioso e criativo, forma cidadãos e os melhores alunos nos “rankings” de educação de Portugal.

Vera Lúcia de Azevedo Dantas foi a primeira pessoa a se formar em medicina na cidade de Carnaúba dos Dantas no sertão do Rio Grande do Norte, e “brincando de fazer drama” venceu a morte por diarreia infantil no Sertão do Brasil, e nunca mais parou de trabalhar com a potência do ser humano através da arte, da ciência e da cultura pela vida.

No dia 25 de março de 2010, no Teatro Gonzaguinha do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, na Praça XI, no Rio de Janeiro, em presença e

em espírito, nos encontramos e começamos a fazer novas perguntas sobre como fazemos saúde, educação, cultura, ciência, vida comunitária. A resposta é sempre a mesma: liberdade, criatividade, solidariedade, humanidade. O processo é esse. Não teremos resultado. Nem queremos resultado. Somos seres inacabados, estamos mergulhados no fazer a nós próprios e o mundo.

Estamos todos no Primeiro Congresso Aberto de Universidade Popular de Arte e Ciência junto com o honroso 11º Fala Comunidade, em presença e espírito, celebrando a união entre os seres humanos e a liberdade do conhecimento. Honrando a luta do nosso povo e nossos ancestrais. Viva a Universidade Popular de Arte e Ciência! E fique à vontade e vá perguntando.

V. Pordeus



Arte, Ciência e Liberdade em Spinoza

"As universidades, que são fundadas a expensas da república, instituem-se não tanto para cultivar os engenhos mas para os restringir. Mas, numa república livre, tanto as ciências como as artes serão otimamente cultivadas se for concedida, a quem quer que peça, autorização para ensinar publicamente, à sua custa e com risco da sua fama."

Baruch de Spinoza (1632-1677)
Art.49, Cap. VIII, Tratado Político 1677.
Ed. WMF Martins Fontes

O que estas quatro comunidades têm em comum?

por Elaine Marcelina*

Quais as semelhanças?

Arrisco-me a dizer, ou melhor, tentar descrever, pois de certo não conseguirei fazê-lo no todo, não por preguiça ou má vontade, nada disso, mas sim por ser difícilimo defini-las em algumas linhas.

Em Vila Cruzeiro, Palmares, "Urubulengo" e Vila Aliança tem:

TEM GENTE

Tem gente
Que tem fome e
Tem gente que tem arte
Tem gente
Que tem sede e
Tem gente
Que jorra alegria
Tem gente
Que tem medo e
Tem gente
Que tem sabedoria popular
Tem gente
Que não estuda e
Tem gente
Que tem cultura e arte nas veias

Escola Popular de Saúde

por Vera Lembo*

Escola, escolha, escuta, estudo
Eu sei, você sabe, nós sabemos
Vamos trocar, misturar, semear?
Assim, o que eu sei, se mistura com o teu saber
Juntos, fazemos e sabemos com mais sabor
Com o tempero da troca, da união
Saber com sabor de irmão
Dar valor a tudo que se sabe
Que se recebe na escola e fora dela
Que me ajuda a entender o mundo e as coisas
Eu sabendo o teu saber, você sabendo o meu
Juntos sabemos mais
Saber da escola da vida e a vida na escola
O saber do sábio e do sabiá
Da água, do ar, da terra e do fogo
Essa é a escola do povo
A Escola Popular de Saúde
Onde se aprende que atitude
É que faz o bem viver.

*Agentes Culturais de Saúde

O aprendizado

por Luís Carlos Jansen Silva*

Eu aprendi...

Que não se aprende apenas com o professor na sala de aula, ditando palavras bonitas e didáticas...

Eu aprendi...

Que em poucos segundos um palhaço pode me ensinar coisas que em nenhum livro eu aprenderia, mesmo que levasse anos estudando...

Eu aprendi...

Que as possibilidades são infinitas, devemos aproveitá-las e vivê-las intensamente e não ignorá-las, por que se não alguém pode tomar posse daquilo que deixamos escapar...

Eu aprendi...

Que num olhar triste de um mendigo pode estar a verdade que procuro e que, às vezes, deixo-me levar por sorrisos falsos...

Eu aprendi...

Que é o amor e o afeto catalizador que curam as indiferenças e as feridas, e não o tempo, como aparenta ser...

Eu aprendi...

Que o egoísmo é algo que aniquila o ser, baseado no orgulho cheio de equivocadas percepções

Eu aprendi...

Que o presente depende daquilo que fizemos no passado e o futuro daquilo que estamos fazendo no presente...

Eu aprendi...

Com meus amigos do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde (SMSDC), em cada olhar, em cada sorriso, em cada abraço e aperto de mão que o nosso trabalho não está sendo em vão, que estamos no caminho certo, que não podemos mudar o mundo, mas podemos aprender juntos a enfrentar os desafios do mundo.



Hélio Rola, Técnica mista, 2011.

FALA,

comunidade

O **11º Fala, Comunidade!** é um seminário anual organizado pelo **Centro de Promoção da Saúde - CEDAPS** e pela **RCS - Rede de Comunidades Saudáveis do Estado do Rio de Janeiro**. A característica principal do evento é a valorização e a visibilidade da atuação qualificada de lideranças comunitárias residentes em favelas e em outros contextos populares no processo de construção da resposta brasileira ao enfrentamento do HIV/ Aids e da participação da comunidade na política pública de saúde.

No **11º Fala, Comunidade!** acontecerá uma parceria inédita com a **Universidade Popular de Arte e Ciência - UPAC**. Sob o slogan *"O saber em todo ser"*, o evento será subdividido em dois formatos:

Dia 7 de julho: 1º Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência - exposições, murais, "camelôs educativos", atividades culturais e outras expressões. As comunidades trocarão experiências e aprendizagens, baseadas nas ações que realizam, sobre a prevenção de Aids, outras co-infecções e tuberculose, sobre a promoção da saúde e direitos humanos, assim como refletirão sobre os desafios relacionados a estas iniciativas.

Dia 8 de julho: Fórum Aids e Comunidades - composto pelas representações nacionais dos movimentos populares e iniciativas comunitárias de prevenção do Rio de Janeiro, pretende aprofundar o debate sobre a viabilidade das propostas apresentadas (nas edições anteriores do Fala, Comunidade!) e elaborar conjuntamente com o governo metas e estratégias a serem implementadas para alcance da efetividade destas recomendações.

O que vem sendo discutido

A abrangência nacional do Fala, Comunidade!, iniciada em 2006, vem se diversificando e agregando novas parcerias, como a **Central de Movimentos Populares - CMP**, o **Movimento de Atingidos por Barragens - MAB**, o **Conselho Nacional de Seringueiros - CNS** e também organizações ligadas ao **Movimento de Saúde da População Negra**, de **Mulheres Negras**, do **Movimento Indígena**, dentre outras inúmeras iniciativas em favelas e assentamentos brasileiros. Iniciativas populares de prevenção de DST/Aids em Salvador, em parceria com o **GAPA/Bahia**, participam ativamente por meio da **Rede de Comunidades Saudáveis da Bahia**.

De onde partimos

· A epidemia de Aids é contexto-dependente. Emerge de um conjunto de fatores que convergem em vulnerabilidades individuais e coletivas. Neste sentido, é importante constatar a existência de um contexto de vulnerabilidades sobre as quais devemos intervir na perspectiva da prevenção da epidemia de Aids e outras infecções correlatas.

· Nesta perspectiva, algumas abordagens conceituais contribuem para melhor compreensão sobre as possibilidades de intervenções sociais que sejam efetivas no processo de ampliação da capacidade de proteção de pessoas, grupos e comunidades.

· A trajetória da epidemia de Aids no mundo e no Brasil, que **alcança extratos sociais submetidos a precárias condições de vida** e a indicadores socioeconômicos que caracterizam a pobreza, nos permite identificar contextos de vulnerabilidades em diferentes territórios populares urbanos e rurais.

· **Territórios populares** constituem, portanto, grupos, lugares e espaços geográficos em que há a convergência de fatores negativos que acen- tuam e são acentuados por vulnerabilidades individuais, sociais, e estruturais. Configuram-se em contextos e cenários de vulnerabilidade.

· Estudos sobre territorialidade e saúde apon- tam para a importância de que os territórios sejam **mapeados e estudados** na perspectiva da identificação de problemas e entraves no processo de saúde e doença, portanto das vul- nerabilidades, e também de identificação dos diferentes aspectos de proteção e, sobretudo, das potencialidades do território.

· Nesta perspectiva, as **metodologias e estraté- gias territoriais de empoderamento comunitário** para a prevenção das DST/Aids e a promoção da saúde pressupõem o desenvolvimento de processos participativos que ampliem a capa- cidade de grupos e comunidades de realizar suas próprias escolhas e adquirir habilidades preventivas e promotoras da saúde.

· A promoção da saúde é um campo de atuação em que se considera a **multidimensionalidade** dos fatores de saúde e doença e pressupõe uma intervenção de base estrutural que quali- fique a comunidade para realizar suas próprias escolhas. Neste sentido, torna-se fundamental a mobilização de grupos e comunidades para a promoção da saúde, levando em conta a cul- tura local e produzindo uma sinergia de ações que possam combater, de forma integrada, intersetorial e articulada, a sinergia de fatores negativos que incidem e caracterizam o contexto de vulnerabilidade.

· O CEDAPS atua **desde 1996 com a preven- ção de DST/Aids em comunidades**. Desde então, observa e coopera tecnicamente para o fortalecimento das iniciativas populares de prevenção, desenvolvidas por mulheres e ho- mens residentes nas favelas. Este movimento cresceu através de ações multiplicadoras e em rede - inicialmente a Rede de Comunidades na luta contra a Aids.

· Em seguida, a própria prática comunitária nos

remeteu a considerar a importância de que a ação de prevenção seja ampliada, enfrentando mais diretamente os fatores de vulnerabili- des presentes nos territórios populares. Esta perspectiva foi ao encontro dos ideários da **promoção da saúde** e, mais especificamente, de movimentos de comunidades saudáveis - aquelas comunidades que produzem social- mente a saúde.

· **São mais de 80 iniciativas em curso, em favelas e periferias do Rio de Janeiro**, que se juntam a iniciativas em outros estados brasileiros através do Fala, Comunidade. Muitas propostas na direção do fortalecimento da resposta baseada nas comunidades vêm sendo produzidas e ne- cessitam de reflexão e, sobretudo, de efetivação por parte do Estado brasileiro e seus organismos executores, as diferentes instâncias governa- mentais de operacionalização da política.

· As pessoas residentes em territórios popu- lares devem ser consideradas atores e atrizes **participantes da construção das respostas frente ao HIV/Aids** em contextos de pobreza, de violências, de racismo e de outros fatores de vulnerabilidade. Precisamos superar a visão de “público-alvo” de ações de prevenção para uma visão em que lideranças comunitárias e, sobretudo, agentes comunitários de prevenção e promoção da saúde tenham suas propostas e recomendações discutidas e levadas em conta nos processos decisórios de formulação e exe- cução de políticas públicas.





Temas que serão discutidos

O fórum no **11º Fala, Comunidade!** pretende aprofundar o debate sobre a viabilidade de cada uma das propostas elaboradas pelas comunidades durante os dois últimos Congressos Brasileiros de Prevenção (2008 e 2010) e nas quatro edições nacionais do Fala, Comunidade! (2006, 2007, 2008, 2010) e elaborar conjuntamente com o governo metas e estratégias a serem implementadas para

Painel 1

RECONHECIMENTO E SUSTENTABILIDADE DAS INICIATIVAS DE PREVENÇÃO EM TERRITÓRIOS POPULARES

- Autonomia, valorização e reconhecimento - por parte dos Serviços de Saúde - do trabalho de prevenção das DST/Aids desenvolvido por Agentes de Prevenção nas comunidades;
- Criação de um credenciamento do trabalho de prevenção nas comunidades a ser reconhecido pelos serviços públicos de saúde (com foco em HIV/Aids, tuberculose, redução de danos etc.);
- O reconhecimento passa por necessidade de recursos financeiros para o trabalho comunitário de prevenção das DST/Aids. É preciso pensar em **vários formatos de financiamentos sustentáveis e/ou estratégicos**:
 - 1 - Ajuda de custo (para alimentação, transporte, participação em eventos de formação e de articulação política, materiais de escritório e outras necessidades estruturais das organizações de

- base comunitária – Núcleos de Prevenção);
- 2 - Financiamento específico através de projetos de intervenção (recursos do Plano de Ações e Metas - PAM e/ou outras fontes governamentais);
- 3 - Financiamento de ações de prevenção planejadas em parceria com coordenações e serviços de Aids (custeio direto de oficinas, eventos, materiais educativos etc.);
- 4 - Remuneração dos agentes comunitários de prevenção das DST/Aids através de bolsas de formação, inclusão da ocupação específica em equipes de atenção básica, conforme contexto de vulnerabilidade.
- Capacitação sobre captação de recursos para acessar fundos públicos (orçamento público) para os movimentos em nível nacional, estadual e municipal;

- Garantir um processo de discussão junto às coordenações estaduais e municipais de DST/Aids no período da elaboração do PAM com intuito de incorporar ações de prevenção realizadas pelas comunidades e movimentos populares. Há uma diferenciação entre as ONGs que trabalham com Aids e associações e iniciativas comunitárias em termos de capacidades técnicas para gerenciamento e administração de recursos financeiros. São necessárias modalidades de pequenos fundos com assessoria técnica para desenvolver capacidades gerenciais;

- Que o poder público ofereça maior disponibilidade de materiais educativos (hepatite C, tuberculose) para as comunidades;
- Ampliar a distribuição de insumos para as comunidades, em especial, de camisinhas femininas e gel lubrificante. Importante desenvolver materiais educativos específicos, tais como displays de preservativos masculinos em territórios de difícil acesso.

Painel 2

FORTALECIMENTO DAS INICIATIVAS DE PREVENÇÃO E DIREITOS HUMANOS EM TERRITÓRIOS POPULARES (qualificação, produção de materiais etc.)

- Elaborar conjuntamente com entidades que atuam com a temática Aids e com programas governamentais de Aids um Plano de Ação visando ao fortalecimento e à potencialização das ações de prevenção em territórios populares;
- Deve ser garantido o respeito aos valores, à cultura e às particularidades de cada comunidade popular no planejamento e realização das ações de prevenção;
- Que o trabalho de prevenção seja realizado em rede para fortalecimento das ações e parcerias com poder público, organizações e movimentos da sociedade civil;
- Que sejam identificadas e articuladas outras redes de proteção social para fins de apoio às necessidades identificadas nos territórios;
- Formalização de cooperação entre as iniciativas comunitárias e os serviços de saúde para garantia de sigilo e de acolhimento nas unidades básicas de saúde que atendem às comunidades;
- Ampliação do acesso à testagem anti-HIV com iniciativas como o Centro de Testagem e Aconselhamento móvel;
- Massificação de campanhas educativas/ informativas permanentes, com materiais que contemplem os vários sujeitos e grupos populacionais presentes nos territórios populares: mulheres, jovens, LGBT, prostitutas, PVHA, dentre outras;



- Garantia de participação efetiva de jovens na construção de políticas públicas (GGE/SPE, conselhos, secretaria e superintendências voltadas para políticas para juventude);

- Reconhecimento do potencial dos jovens, com maior oferta de oportunidades para a juventude para desempenho político na comunidade (questionar a imagem do jovem apenas como um público-alvo de uma determinada ação);

- Acesso universal aos antirretrovirais e tratamento adequado de agravos, com cuidados especiais no que se refere a situações de pobreza extrema e miséria;

- Constituição de grupos de adesão para PVHA a partir do trabalho comunitário realizado em parceria com unidades de saúde;

- Realização de capacitações/sensibilizações contra o preconceito e a discriminação contra PVHA nas comunidades populares e nos serviços de saúde;

- Garantia de atendimento de PVHA nas unidades básicas de saúde fora de suas comunidades.

Painel 3

ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DAS INICIATIVAS TERRITORIAIS DE PREVENÇÃO E DIREITOS HUMANOS

- Criar/consolidar canais de interlocução entre as instâncias de articulação e controle social da epidemia de HIV/Aids e os movimentos populares; promover interlocução também entre os movimentos populares de outros estados e as comunidades a partir da ampliação de fóruns e discussões e/ou criação de grupo de trabalho;

- Fomentar a intersetorialidade (saúde, educação, assistência social, transporte, cultura etc)

para a prevenção das DST/HIV/Aids e outras patologias associadas;

- Formação de comissão intersetorial, que reúna as três esferas de governo, para aprofundar a discussão sobre prevenção ao HIV/Aids por comunidades e movimentos populares e em territórios vulneráveis. Tratando temas como *Aids e pobreza / Aids e vulnerabilidades estruturais / Aids e desenvolvimento urbano / Aids e saúde urbana*;

- Articular com as escolas locais para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde em parceria com a comunidade. Na linha da articulação com serviços da comunidade estão igrejas e terreiros, comércio local, serviços de limpeza, espaços de lazer etc;

- É importante a aproximação (sugestão de criação de fóruns locais) das iniciativas comunitárias com os serviços locais, como Estratégia de Saúde da Família, para apoiar as ações comunitárias e encontrar soluções conjuntas para os principais problemas.

- Construir formas de conhecimento e trabalhos compartilhadas e promover espaços de troca entre os saberes e as expectativas da comunidade e da academia, em se tratando do HIV/Aids e outros fatores de vulnerabilidade e potencialidades de promoção da saúde e prevenção das doenças associadas (tuberculose, DST, hepatites etc);

- Organizar bancos de documentação sobre as experiências de prevenção desenvolvidas por associações, ONGs e OGs que sejam de interesse da população e de formuladores de políticas públicas;

- Desenvolver pesquisas para subsidiar as demandas das comunidades, dar visibilidade ao trabalho comunitário e facilitar o diálogo



com o poder público a partir da qualificação das demandas;

- Trabalhar com agentes de pesquisa que sejam moradores capacitados para identificar vulnerabilidades e recursos locais. Construir diagnósticos comunitários participativos e disseminar informações sobre percepção, informação e práticas locais de prevenção e promoção da saúde;

- Devolver os resultados das pesquisas para as comunidades, em locais e linguagem acessível aos moradores;

- Adotar o recorte racial nas pesquisas. Elaboração de dados/indicadores sociais de favelas, quilombos, comunidades populares, com recorte étnico-racial;

- Sistematização e divulgação de dados a partir das fichas de usuários do SUS e de todas as pesquisas relacionadas à saúde, prevenção de DST/Aids etc. Disseminar as informações sobre indicadores de saúde. Trabalhar com pesquisas de percepção local sobre fatores de vulnerabilidade.



Linha do Tempo FALA, COMUNIDADE!

2000 - O primeiro Fala, Comunidade! foi realizado em dezembro, no auditório do Sindicato dos Bancários. Tinha o nome de *Seminário de Experiências Comunitárias de Prevenção das DST/Aids*.

2001 - Nesse ano, o Fala aconteceu na Associação Cristã de Moços (ACM) e reuniu 27 comunidades. Um dos destaques do evento foi a apresentação de associações comunitárias envolvidas na gerência de projetos de prevenção apoiados por convênios assinados com o poder público. Ano de formação da Rede de Comunidades na luta contra a Aids.

2002 - Mais uma vez o Fala foi realizado na ACM. Uma das mesas discutiu o estudo que realizamos sobre os Núcleos Comunitários de Prevenção. Lançamento do vídeo *Fala, Comunidade! - Estratégias Comunitárias de Prevenção das DST/Aids*.

2003 - Realizado no auditório Gilberto Freyre, Sala Funarte. O lema do 4º Fala, Comunidade! - Seminário de Troca de Experiências Comunitárias de Prevenção das DST/Aids foi *Saúde, desenvolvimento e solidariedade*. Houve o lançamento da publicação *"Ideias d'Agente"*, a estreia de uma comissão da Rede na organização do Fala, Comunidade! e a comemoração dos 10 anos do CEDAPS.

2004 - Este Fala aconteceu no Teatro Noel Rosa, na UERJ. Desta vez, a estreia ficou por conta da Colcha da Prevenção. Lançamos o Calendário da Rede de Comunidades na luta contra a Aids.



Banco de Imagens CEDAPS

2005 - Ano de realização do 6º Fala, Comunidade!, que também aconteceu no auditório Gilberto Freyre - Sala Funarte. Em maio, houve o lançamento da Rede de Comunidades Saudáveis do Estado do Rio de Janeiro.

2006 - O Fala aconteceu no Clube de Engenharia e, pela primeira vez, reuniu comunidades e movimentos populares de outros estados do Brasil: foi o *I Seminário Nacional de Comunidades e Movimentos Populares na Luta contra Aids*.

2007 - Realizado no Sesc Tijuca, foi o *II Seminário Nacional de Comunidades e Movimentos Populares na Luta contra Aids*. Nesse ano aconteceu o primeiro Fala, Comunidade Jovem.

2008 - Foi o terceiro ano do *Seminário Nacional de Comunidades e Movimentos Populares na Luta contra Aids* e aconteceu na Universidade Veiga de Almeida, em dezembro. O 2º Fala, Comunidade Jovem tinha sido realizado no mês de novembro. Lançamento do *Manual de Prevenção das DST/HIV/Aids em Comunidades Populares* - uma parceria do Ministério da Saúde com o CEDAPS.

2010 - Realizado na UERJ, o *IV Seminário Nacional de Comunidades e Movimentos Populares na Luta contra as DST/HIV/Aids: consolidação de uma política territorial de prevenção* aconteceu em novembro. O 3º Fala, Comunidade Jovem aconteceu simultaneamente e teve a participação dos adolescentes da Plataforma dos Centros Urbanos (UNICEF) e do RAP da Saúde (SMSDC).



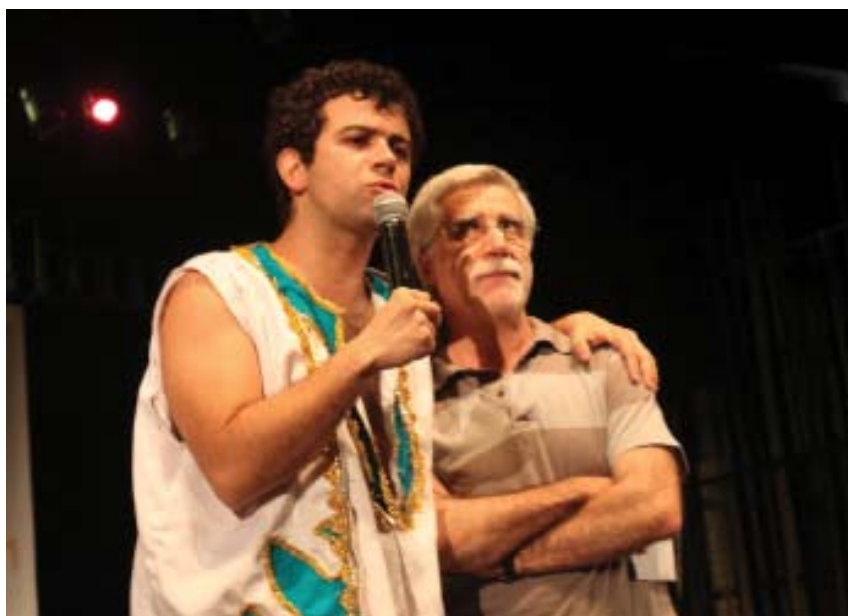
FALA, COMUNIDADE 11! SE JUNTA A 1º CONGRESSO ABERTO DA UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA E REALIZA EVENTO INESQUECÍVEL NO TEATRO CARLOS GOMES

O **Fala, Comunidade! 11**, que tradicionalmente dedica dois dias à discussão da prevenção do HIV/Aids e à visibilidade da participação qualificada de lideranças comunitárias no processo de construção da resposta à doença, em 2011,

em parceria com o 1º Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência, adquiriu um novo formato. Nos dias 7 e 8 de julho, no Teatro Carlos Gomes, o sentido de promoção da saúde, como conceito que propõe o acesso de

todos à cultura, educação, lazer, alimentação, informação, renda, etc. esteve mais vivo do que nunca.

Cerca de 650 pessoas estiveram presentes nos dois dias de atividades culturais e trocas entre o saber científico e o saber popular. Os dois dias foram dedicados às manifestações artísticas, científicas e culturais. O Teatro de Revista Científica, lideradas pelo médico, ator e coordenador Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil Vitor Pordeus e o Conjunto Experimental Retreta do Apocalipse regido pelo Maestro Alexandre Schubert facilitaram as expressões artísticas e os convidados que militam no universo da saúde e da cultura, da arte e da ciência. Fez participação especial também o Grupo Tam Tam Café Teatro Rolidei de Santos na mediação do início do espetáculo e a apresentação das outras atrações.



A mesa de abertura do evento contou com a presença do secretário Municipal de Saúde e Defesa Civil Hans Dohmann. “Sou comprometido por tudo que possa ser saudável para a cidade. Estou aberto para que o diálogo se dê de forma construtiva na base do afeto e das relações humanas. Espero que todas essas sementes encontrem um canal de comunicação



com os setores públicos". Também compuseram a mesa, Kátia Edmundo (CEDAPS), William Amaral (Fórum ONG/Aids), Vera Dantas (Articulação Nacional de Movimentos de Educação Popular e Saúde – Ceará), Lula Mello (Museu de Imagens do Inconsciente), Magali Eleutério (*Dep. de DST, Aids e Hepatites Virais do Min. da Saúde*), Renato di Renzo (Grupo Tam Tam/ Café Teatro Rolidei Lilian Lauria (Gerência de DST/Aids Mun. do RJ), Roberto Pereira (Fórum de Tuberculose), Lucia Xavier (SESDEC), Luciano Ângelo (Rede de Comunidades Saudáveis), o adolescente comunicador Marcos Paulo (Plataforma dos Centros Urbanos - UNICEF), e Heloisa Helena Costa (*Dep. de Museologia da Universidade Federal da Bahia*), o Assessor da Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia, Antônio Carlos, representando o Secretário Franklin Coelho que veio ao evento antes da abertura pois tinha compromisso com a presidenta Dilma Rousseff no Complexo do Alemão, e representando a Secretaria Municipal de Cultura, a Diretora do Teatro Carlos Gomes Ana Ignácio, e ainda a participação da Diretora do Instituto Oswaldo Cruz, Tânia Araújo Jorge.

A grande abertura científica ficou por conta do Diretor do Museu de Imagens do Inconsciente que apresentou a história e o trabalho da grande cientista revolucionária da arte e da ciência Nise da Silveira, emocionando os presentes com essa mulher brasileira e sua luta de superação e cuidado, afeto incondicional pela vida humana.

Várias apresentações comunitárias permearam o encontro. O grupo cultural da Rede de Comunidades Saudáveis apresentou três performances: Tabuleiro da Bahiana, Sufoco da Vida em homenagem à Nise da Silveira e Aquarela do Brasil. A Mostra de Iniciativas de Prevenção

Patrimoniais. Heloisa, grande mestra da cultura, demonstrou cientificamente como promover a saúde cultural humana, através de intervenções culturais de alta complexidade e baixo custo. A potencia da criatividade humana não conhece limites.

O Teatro de Revista Científica encerrou o dia com uma valsa, convidando a todos para a segunda parte do ritual alquímico já iniciado com grande sucesso. Transformamos chumbo em ouro em vários momentos ao longo do primeiro dia.

Segundo dia mistura debate e manifestações culturais

No dia 8 de julho, o Fórum de Debates e Mostra de Iniciativas de Prevenção, Cultura e Promoção da Saúde em Territórios Populares (DST/Aids/ Tuberculose e outras), mediado pelo CEDAPS, teve a presença do Ivo Brito, departamento de *DST, Aids e Hepatites Virais do Min. da Saúde*, Pedro Chequer, da UNAIDS, e Lilian Lauria, Gerência de DST/Aids do Mun. do RJ.

Kátia Edmundo, do CEDAPS, apresentou um panorama das ações de prevenção realizadas por agentes comunitários e propôs que a política de prevenção assumira a lógica territorial. "É importante a pactuação de uma agenda conjunta de trabalho, envolvendo os diversos níveis da gestão pública e estes agentes. Eles têm todo o know-how e podem contribuir imensamente".

Ivo Brito anunciou a liberação da verba do AIDS e Pobreza, projeto de financiamento do Governo Federal. "Ainda esse mês o CEDAPS vai estar autorizado a tocar o projeto. O sistema

teve a representação de 44 comunidades que expuseram seus trabalhos.

Um dos pontos altos do dia foram as participações do ator e diretor Amir Haddad e do imunologista Nelson Vaz, que dialogaram sobre a evolução do Homem e o significado da vida, cada um sob sua ótica. "Estamos discutindo o mundo sem solenidade, este evento é isso", afirmou Haddad.

No fim do primeiro dia a Professora Heloisa Helena Costa levou todo o Teatro Carlos Gomes às emoções pois mostrou e inspirou com seu projeto "do fundo do coração" Expedições





de financiamento é novo, não é fácil, mas é um aprendizado para fazer o financiamento chegar nas ONG dos territórios”, disse Ivo.

Pedro Chequer, da UNAIDS, afirmou a intenção da agência da ONU em implantar no Rio e na Bahia um projeto que produza indicadores e monitoramento de resultados, com uma proposta holística, abordando também educação, cultura, etc. “Para além dos equipamentos de saúde, a prevenção também pode ser feita nas instalações escolares. As políticas precisam assumir o território como área de ação, potencializando os recursos locais. Políticas com números mensuráveis, indicadores e resultados previstos”, disse.

As lideranças comunitárias expuseram suas demandas e reivindicações. Benilda Brito do N’zinga de Belo Horizonte, afirmou que “não é possível que a gente viva no voluntariado. É preciso que o Governo nos garanta recursos, já que nós vamos aonde eles não entram”. José Luis, do Rio de Janeiro, tocou na questão da impossibilidade das comunidades acessarem editais de financiamento. “Os editais pedem fatura, nota fiscal, contrapartida de 30%. Como? Isso é impossível!”

Em seguida, os gestores Lilian Lauria (âmbito municipal), e Ivo Brito (federal), foram apresentados às metas e estratégias a serem implementadas para efetividade do direito à prevenção que já vem sendo operacionalizado pelas iniciativas comunitárias. Os gestores ouviram as recomendações sistematizadas durante as 11 edições do Fala, Comunidade! e deram respostas para as questões que podem ou não ter solução à curto e médio prazo.

Os temas discutidos foram divididos em três painéis: Reconhecimento e Sustentabilidade das Iniciativas de Prevenção em Territórios Populares, Fortalecimento das Iniciativas de Prevenção e Direitos Humanos em Territórios Populares (qualificação,

produção de materiais, etc.) e Articulação Intersetorial e Produção de Conhecimento das iniciativas territoriais de prevenção e direitos humanos.

Sobre o Fala, Ivo mencionou: “É importante reconhecer a multidisciplinaridade como um

espaço de produção do conhecimento popular. Temos que valorizar as experiências populares, construídas no cotidiano. Espaços como estes precisam ser replicados no Brasil inteiro, para que as ações locais sejam vistas e reconhecidas pela sociedade inteira. Um espaço pioneiro de controle social”.



No Palco do Teatro de Revista Científica, os Agentes Culturais de Saúde, a Rede de Comunidades Saudáveis, as Escolas Populares de Saúde fizeram as ações culturais para a liberdade se manifestarem.

O dia começou com a abertura musical com a Retreta do Apocalipse do Maestro Schubert e as Atrizes Facilitadoras e Atores Catalizadores do Teatro de Revista Científica esquentando os afetos, abrindo o peito, e criando um ambiente de humor, alegria e imprevisibilidade. Nesse ambiente os mestres do teatro popular do Movimento Escambo Popular Livre de Rua, Ray Lima, Junio Santos, e trupe de mais seis atores, realizaram intervenções musicais e cenopoéticas,

com cirandas, cantigas de roda, e muita poesia. Ray, Junio e companhia haviam chegado na noite anterior de sua travessia pelo Brasil, realizando encontros e oficinas em diferentes estados do nosso país. O primeiro Discurso Inspirador do dia foi da Diretora de Gestão do Conhecimento do Instituto Paulo Freire de São Paulo, Angela Antunes, relatar suas próprias experiências com o grande Paulo Freire nos anos de fundação do Instituto em São Paulo, e suas experiências como professora por 16 anos da periferia de São Paulo, encerrando com uma música entremeada com imagens de nossa UPAC.

Contamos com apresentações magníficas da Escolas Populares do Morro Azul com o Grupo de Pagode da Tia Nana, de Palmares e Mangueira com a o Afro-lata da Escola Municipal Cora Coralina, os cantores Cidinho Mendes, Gabriela Bordeaux, e o poeta Tony Melo e as intervenções

do Agente Cultural de Saúde Paulo Weber, EPS Yemanjá, com a apresentação das crianças da EPS apresentando uma dança e um cântico a Yemanjá com demonstrações de percussão e capoeira realizadas pelas crianças.

Contamos com maravilhosas intervenções de Ray Lima que improvisando com suas poesias, apresentou nosso Professor Guardião da Cultura Brasileira Francisco Gregório Filho, entoando os seguintes versos:

*“Eu vim da cratera norte.
Eu vim da cratera norte
pra defender nossos resquícios culturais;
defender nosso quintal
feito lingüeta de fogo,
sobre lavas, sobre lavas
de um vulcano labirinto
pra manter nossos resquícios culturais.”*



Gregório, emocionado, nos trouxe lágrimas a todos, entoando um cântico que sua avó cantava para ele ainda no Acre. Momento mágico de transmutação alquímica, encontro.

Na sequência, Eliane Ribeiro, contou a história da cultura ioruba da Deusa Iansã, com grande habilidade e talento, Eliane nos fez ver uma história épica e mitológica que narra o nascimento e os desafios desta divindade da cultura afro-brasileira.

O Dr. Luiz Roberto Londres, médico e filósofo, falou sobre a arte de curar e a medicina, rememorando as origens da arte médica na Grécia Antiga, com Hipócrates em IV a.C., e a importância da medicina pública e das coisas públicas para que um povo tenha saúde. E que na Grécia, aqueles que não se interessavam pelas coisas públicas, políticas, da polis, da cidade grega,

eram chamados de idiotas.

O ambientalista Sérgio Besserman Vianna fez um belo discurso inspirador falando sobre os desafios ambientais enfrentados por nossos dias, e nossa geração, e que temos que resolver a questão do consumo sustentável dentro dos próximos anos para que possamos minimizar os danos já irreversíveis e em pleno acontecimento. “O desafio é da humanidade no tempo presente, para o planeta, será uma coceirinha, para nós é perigo de morte de nossa espécie.”

O encerramento do evento ficou por conta do educador português José Pacheco, fundador da Escola da Ponte, experiência revolucionária portuguesa de educação com liberdade, que dialogou com a platéia sobre educação, saúde, inclusão, novas tecnologias da informação, etc.

Organizações comunitárias de vários estados se fizeram representar

Estiveram presentes no encontro as representações comunitárias: Rede de Comunidades Saudáveis de Salvador; N'Zinga - Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte; Associação Indígena do Vale do Araguaia (Mato Grosso); Projeto Mãe Luiza - Rio Grande do Norte; Grupo Cirandas da Vida (Ceará); Central de Movimentos Populares (Alagoas); Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras; Conselho Nacional das Populações Extrativistas (Pará); Grupo de Mulheres Negras Malunga (Goiás); Quilombo Mangueiras (Belo Horizonte); Movimento dos Atingidos por Barragens (Tocantins); Instituto Paulo Freire (São Paulo).



O SABER EM TODO SER - UM ENCONTRO DE GENTE INTEIRA

por Heloisa Helena F. Gonçalves da Costa

*“para ser todo, sê inteiro; nada teu exagera ou exclui...”
(Fernando Pessoa)*

O fato de ter tido a chance de participar da criação da Universidade Popular de Arte e Ciência e agora desse evento intitulado O Saber em todo Ser foi uma rica experiência, plena de emoção e de esperança.

O Teatro Carlos Gomes ficou tão energizado que se podia sentir a imantação das pessoas, envolvidas com tanta beleza, tanta musica e tantos textos inspiradores.

Agora, refletindo sobre tudo isso em um momento mais tranquilo e longe da efervescência energizante daqueles dois dias de julho de 2011, me dou conta da importância cada vez maior de se firmar o conceito de Saúde Cultural, ou seja, a cultura pode elevar a saúde da população a qualidades inesperadas enquanto a ausência dela pode provocar doenças graves em indivíduos e na coletividade. Mas para que a cultura cumpra seu papel de melhorar a qualidade de vida do ser humano é necessário que no ambiente institucional as instâncias de poder tenham consciência e atitude em favor da criação de políticas públicas que permitam à cultura e à saúde obterem espaço e acesso igualitário no dia a dia de todo e qualquer cidadão.

Em essa atitude pró-ativa em favor da cultura e da saúde da população é um dever das instituições formais em relação direta com um direito do

cidadão, ambos previstos constitucionalmente, nos artigos 3º, item IV; artigo 24, itens IX e XII; na seção II que trata da Saúde e nos artigos 215 e 216 que tratam da Cultura e do uso do patrimônio cultural brasileiro. Lembrar a Carta Magna brasileira não significa esquecer outras inúmeras leis, decretos, portarias entre tantos possíveis instrumentos legais que fazem parte da legislação brasileira sobre o tema.

Nesse sentido, é inspirador o ato de esperança lançado pela Coordenação do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do município do Rio de Janeiro, que sob o comando do secretário Hans Dohmann e a batuta do médico imunologista Vitor Pordeus, tem conseguido, não sem entraves e obstáculos às vezes quase intransponíveis, transformar agentes comunitários de saúde em verdadeiros mediadores culturais que promovem arte, cultura, ciência e saúde tudo misturado e bem dosado, com a parceria sempre necessária e irrestrita da população carioca.

Por isso, o evento intitulado O Saber em todo Ser foi maravilhosamente encantador.

Entre tantas apresentações culturais marcantes oriundas das comunidades – música, dança, teatro, capoeira, literatura diversificada nas poesias, histórias faladas, interpretações as mais

diversas - que mostraram o potencial criativo de grande parte da população carioca, houve falas inspiradoras como a do Prof. Dr. Nelson Vaz e de Amir Haddad; a da educadora Angela Antunes, do Instituto Paulo Freire; a da médica Vera Dantas; de Mãe Tânia; de Francisco Gregório para citar apenas alguns que encheram nossas mentes e corações de beleza, de ciência, de educação e de cultura.

A fala mais recorrente que se ouvia nos corredores, no espaço do café, na caminhada de volta ao hotel era: _ Estou encantada/o!

E o que de mais belo e sublime pode ocorrer a um ser do que ficar, permanecer encantado? Estar encantado é estar sob uma influência mágica; estar seduzido, cativado, fascinado; sentir-se extremamente agradado; permanecer com uma irresistível sensação de profundo admiração.

Encontro encantado !

Quem esteve no Teatro Carlos Gomes nesses dias 07 e 08 de julho de 2011, não vai conseguir ser o mesmo de antes pois algo muito maior do que a ciência e a arte, algo que advém da conjunção de tudo aquilo bem junto e integrado, mudou o olhar e o sentimento das pessoas com relação aos métodos e técnicas de se fazer o cuidado com a saúde no município do Rio de Janeiro. Mudou a maneira como as pessoas viam a si mesmas.

Eu registrei muita coisa na pequena câmera fotográfica e quando revejo, quando compartilho, as pessoas ficam em silêncio reverenciador diante daquela loucura aparente que resulta em conteúdo da mais alta qualidade. E alguns se emocionam até às lágrimas! Outros me abraçam e riem e se põem a dançar!

Esse Saber em todo Ser foi uma reunião, um encontro, uma festa de pura alquimia, de total interdisciplinaridade, de multiculturalidade, de espiritualidade, de magia, de arquétipos em profusão, de mãos dadas e de coração.

Ah, Vitor Pordeus, não é à toa que você se chama assim...

Muito obrigado amigo, por me permitir participar de algo tão especial!

Você tem razão quando tantas vezes falou que ali era o encontro da gente que estava mudando o Brasil. Assim seja! Axé! Namastê! Amém!





UPAC: O FOGO DO TERCEIRO MILÊNIO

Para entender o mundo você precisa fazer parte do mundo. O caminho para o conhecimento parte da dúvida. A dúvida é o primeiro passo para se entender qualquer coisa. Confesso que estar diante do evento Saber Em Todo Ser, que une o 1o Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência o 11o Fala Comunidade, me pairavam dúvidas. Como será o evento? Qual a ordem das coisas? Em que momento nos apresentaremos? Porém, a única coisa que eu sabia era: “Fica combinado que não tem nada certo”, frase do Repórter-Cidadão Tony Mello, ao saber que o programa do evento era, na verdade, um anti-programa. As dúvidas surgiram, pois, durante um minuto, havia esquecido que a liberdade traz o estranhamento, pois estamos condicionados a receber ordens.

Lembro quando o médico e imunologista e coordenador do Núcleo de Cultura Ciência e Saúde, Vitor Pordeus, propôs-me que pensasse em uma capacitação em comunicação para os Agentes Culturais de Saúde, do Núcleo de Cultura Ciência e Saúde, da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro, também sofri. Criamos o projeto Repórter-Cidadão Científico. Ainda assim eu não sabia que resultados nós alcançaríamos. Era um experimento: tentativa, erro e acerto em busca de um jornalismo colaborativo, que fizesse uma interlocução entre as comunidades, as redes sociais e profissionais de comunicação. Uma capacitação que acabasse com as formas maniqueístas de se fazer notícia, que se pudesse dar a informação que ninguém sabe, mas que todo mundo quer ouvir. Um jornalismo que ressaltasse o que há de bom dentro da sociedade, das pessoas, das comunidades e Escolas Populares. Que fosse constituído com um processo colaborativo de linguagem horizontal, para que todos os saberes pudessem ser valorizados. Ou que, simplesmente, trouxessem uma transformação aos participantes. O próprio Dr. Vitor Pordeus, em uma das suas célebres aulas sobre ciência, no Instituto Nise

da Silveira, havia comentado comigo sobre a transformação através da educação. “Deem gravadores, câmeras fotográficas, filmadoras, para todo mundo, para que se faça o processo libertador e a cura”, disse Vitor Pordeus em seu tom de eloquência teatral, também base de sua formação científica.

O Repórter-Cidadão trabalha com os preceitos teóricos de Nise da Silveira, Humberto Maturana e Paulo Freire. Este último ensinou-me a pensar as “práxis” humanas e possibilitou-me incentivar os alunos a lutar, assim como também já o fazia, contra os modos de opressão social, além de aprender cada vez mais sobre a verdadeira função da comunicação e do jornalismo. Com base no Afeto Catalisador de Nise da Silveira, nossa capacitação em Repórter-Cidadão Científico, “trouxe resultados de cura e milagre”, frase do próprio Vitor Pordeus, ao saber que alunos do curso conseguiram bolsas de estudo na Faculdade Hélio Alonso (Facha) e iniciaram atividades de comunicação em suas comunidades. O Repórter-Cidadão é uma boa prova do sucesso das experiências promovidas pelo Núcleo. Mas a grande evolução está no Saber Em Todo Ser. As dúvidas se acabaram quando entrei no Teatro Carlos Gomes. Um lugar onde os expectadores são os artistas, e os artistas os expectadores. Nunca tinha visto tanta gente diferente, num espaço aberto ao público, falando a mesma língua - as dúvidas se foram. Ali vi o caos organizar o Saber Em Todo Ser, todas as bases teóricas juntas estavam ali. A ficha caiu. O medo se foi. Com apresentações de samba, roda de capoeira, teatro, entrevistas, rap, candomblé, músicas ao vivo. Tudo fantasticamente acontecendo ao mesmo tempo, isso trouxe liberdade de todos para todos, sem confusão, sem incidentes. O evento foi libertador.

Em dois dias de Congresso, uma única linguagem se expressava. A Torre de Babel cultural caiu. Era a chegada do novo mundo. Todos que

chegavam interagiam, participavam. O palco era a grande arena do homem para o homem. Pessoas interagindo e se conhecendo. Os Repórteres-Cidadãos agiram sozinhos, levados por uma grande onda do saber. Interessante foi ver a apresentação dos Repórteres-Cidadãos em entrevista a Ângela Antunes, representante do Instituto Paulo Freire, que comentou sobre a construção e importância do Instituto para sociedade. Ângela Antunes falou de experiências vividas como professora de Escolas Municipais na Periferia de São Paulo, dando aulas no turno da noite por mais de 16 anos. A experiência da professora com certeza marcou toda a plateia que assistia à palestra, uma lição de cultura e aprendizagem que podemos levar por toda a vida. Na plateia, a bibliotecária Ercília Mendonça comenta que, “nas outras gestões Municipais não havia essa interação com a saúde e a alegria, uma proposta que é muito válida e que tem grandes chances de colher frutos”.

O jovem Gabriel, que assistia a tudo com o olhar de surpresa e alegria, fala sobre o evento: “A experiência com as atividades realizadas nesse Congresso são importantes, pois, na comunidade as pessoas têm vergonha, medo e, às vezes, não conseguem falar e se expressar; tirar o nó da garganta”. Este nó na garganta, ao qual se refere o Gabriel, é o Fogo do Terceiro Milênio, como disse Milton Cunha, em uma entrevista que concedeu a mim. “Um dia os deficientes, os negros, os pobres, a periferia, tomarão conta do palco da vida e do poder. Será o Fogo do Terceiro Milênio”. Frase original do mestre Joãozinho Trinta. O Saber Em Todo Ser acendeu a tocha, só precisamos manter o fogo aceso e propagar a chama.

Leonardo Neves é Jornalista Especializado em Economia pela FGV e coordenador do Curso de Capacitação Repórter-Cidadão.

Este texto teve a apuração dos Repórteres Cidadãos



O CAOS APARENTE E O ENTENDIMENTO HUMANO

Por Ray Lima

O primeiro congresso da Universidade Popular de Arte, Ciência e Cultura ocorrido nos dias 7 e 8 de julho de 2011, no Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro, demonstrou que em alguma medida estamos construindo espaços de comunicação e entendimento humano capazes de minimizar o quadro atual de diáspora, indiferença e produção da violência entre as pessoas e entre estas e os ambientes naturais. Diante desse contexto “só os lacaio ficam indiferentes.”

Por um lado, o diferencial se deu pelo ritual de horizontalidade que o encontro produziu. Também pelo fato de não se partir de discursos premeditados, impregnados de certezas e lugares comuns como palestras e oficinas amarrados em uma programação rígida e desigual, como é comum aos congressos, simpósios e seminários, onde a maior parte do tempo é reservada aos medalhões e “detentores do conhecimento.” Por outro lado, mesmo se tratando de um espaço fechado, separatista como é o palco italiano, que divide os atores do público, criando um fosso claro entre os que atuam, produzem, encantam e os que assistem passivamente e admiram o espetáculo, essa lógica foi quebrada por conta da intencionalidade e da cultura de rompimento com o status quo, com o estabelecido por parte tanto dos que organizaram quanto daqueles que participaram desta festa reflexiva, arte-científica, popular e produtora de sentidos.

Uma festa anímica e alquímica onde se cruzaram Mãe Tânia com Vera Dantas, Nelson Vaz com Amir Haddad, José Pacheco com Ângela Antunes e Vitor Pordeus, Júnio Santos com Heloísa Helena e Sérgio, Francisco Gregório com o samba

e o candomblé. O que vivenciamos no Teatro Carlos Gomes foi uma profusão de linguagens manifestando sentimentos de mundo articulados às práticas cotidianas de cada experiência ali presentificadas no tempo livre dos atos manifestos que iam dando sentido ao que podemos considerar libertador, vital. Na verdade, uma jornada de “discursos inspiradores”, no dizer de Vitor Pordeus, entrecruzando saberes diversos e modos de dizer que poderia se realizar no morro do Pavão Pavãozinho ou do Urubu-RJ, no Conjunto Palmeiras-Fortaleza-CE, nas praças de Janduí-RN, na África, na Índia em quaisquer lugares investido de vontade política.

Um verdadeiro Escambo, uma travessia do mundo cartesiano, fechado e previsível ao universo simbólico, aberto e imprevisível das artes e das manifestações populares. Aprendemos que a partir do simples alimentamos grandes sonhos, que é daí que grandes rios, lagos e oceanos surgem e são realimentados constantemente. Um encontro re-humanizante, uma manifestação da experiência coletiva e do saber singular dos sujeitos imbricados na tarefa de repensar e reconstruir os caminhos da arte, da ciência, da vida; a expressão do desejo de transformação de uma sociedade doente que insiste em conservar suas feridas com placas de gordura ou drogas paliativas que submetem populações inteiras a migalhas descartáveis de consumo fácil e irresponsável.

Mais do que um congresso, um conagraçamento, deixando a gente acreditar que em meio ao aparente caos é possível extrair daí o entendimento necessário à vida em sociedade.

“os espaços têm cheios[i]

vãos se fuis, pontas e meios

veias e veios

vazios não vazios não

os espaços da vida

os espaços têm vida

não são em vão

vazios não vazios não vazios”



RETRETA DO APOCALIPSE: ANUNCIANDO O FIM DOS TEMPOS SOMBRIOS E O INÍCIO DE UMA ERA DE HARMONIA, ALEGRIA E SAÚDE!

Alexandre Schubert

A Retreta do Apocalipse foi criada com o objetivo de ser um instrumento capaz de transmitir ao público uma nova abordagem musical que une Arte e Ciência para promover a saúde pública. Inspirada nas pequenas bandas públicas que tocavam nos coretos das praças das cidades, alegrando a comunidade ao proporcionar o convívio com a música, a retreta tem uma formação que inclui flauta, clarineta, saxofone, trompete, violão/guitarra, contrabaixo, piano/teclado e percussão, podendo ser acrescida de canto e violino.

O repertório é variado e os arranjos são construí-

dos para proporcionar uma fácil identificação com as manifestações populares. Clássicos, como “O Guarani”, de Carlos Gomes; “Habane-ra”, de Bizet; “Gymnopédie”, de Satie; “Danúbio Azul”, de Strauss; convivem com o melhor da música popular, representado por “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga; “Balada do Louco”, de Os Mutantes; e muitos chorinhos do mestre Pixinguinha, Frevos, Marchinhas de Carnaval, enfim, toda gama de estilos que compõe o patrimônio cultural do povo brasileiro.

Algumas músicas foram compostas por mim,

exclusivamente para o Congresso, como a abertura “Circo Brasileiro”, inspirada no universo do Circo e do Teatro Popular de Rua e o “Samba Final”, um hino de esperança na possibilidade de transformação que a música é capaz de realizar, objetivando a promoção da saúde.

A Retreta do Apocalipse serve, também, como grupo apoiador às manifestações artísticas das comunidades, congregando com os artistas que se apresentaram no Congresso, unindo sentimentos e estabelecendo conexões de afetividade incondicional com as pessoas de todo o Brasil que aqui estiveram.



Saúde essencial...

E se a gente gostar...??? Será???

...Parecia uma festa de libertação d'um
hospício qualquer do país...
Parecia um carnaval fora de época... ou
de qualquer época;
num canto da terra...
"A imaginação tomou o poder" e a cidade
da utopia então se fez...
Babel? Babilônia? Bacanal?
Uma piada fora de hora...??
Ou uma piada bem colocada??
Tanto faz... agora...
Se estamos todos bem!!!

E, se a saúde enfim se faz entender é
porque a felicidade passou a ser a nova
ordem de uma sociedade (qualquer)...
Esta agora por exemplo...
Figuras lindas... danças tortas...
ritmos todos espalhados num palco...
...exposição de uma ideia/real, de uma
possível possibilidade/real...
de um tratamento definitivo para as
dores e horrores deste tempo (ruim)...

Uma visão de um paraíso/manifesto...
uma política aberta ao tempo...
Há uma árvore no meio do caminho...
uma sombra para o Sol...

Tempos outros

Esbarrões necessários
Sorrisos provocados
Então que seja carnaval... hospício...
bacanal... Babilônia...
que seja então utopia
Que seja saúde... loucura... dores?
Só de amores...
O desejo pode estar em qualquer lugar,
mas qual é o desejo que se deseja?

Uma sociedade sem manicômio?
Uma sociedade que é um manicômio?
Que os desejos não sejam os meus nem
os teus
mas que seja o que se faz nos encontros...
nos olhares
nos gestos
nos nexos
nos sexus
nos prazeres.....

...e já somos quase tantos...
ou quase... nada somos.....

Renato Di Renzo

Associação Projeto TAMTAM
Santos/São Paulo 2011

SAÍ COM MEU CORAÇÃO PENSATIVO

Angela Antunes

Pedindo licença à Clarice Lispector, pois foi o
único caminho que encontrei para começar...
Como contar o que se seguiu? Eu estava eston-
teada (...) Acho que eu não disse nada. (...) Não,
não saí pulando como sempre. Saí andando bem
devagar. Sei que segurava o Congresso Aberto
com as duas mãos, comprimindo-o contra o
peito. Quanto tempo levei até chegar em casa,
também pouco importa. Meu peito estava
quente, meu coração pensativo. Chegando em
casa, não comecei a lembrar. Fingia que não
tinha acontecido, só para depois ter o susto de
lembrar que havia acontecido. Horas depois
vinha o pensamento, vinham as lembranças...
havia acontecido...sim havia acontecido.... e aí
eu lembrava o Círculo de Cultura, o saber em
todo o ser, todo o ser com o seu saber... Ine-
bria, eu testemunhei, ou, mais do que isso,
eu fui "ocupada", como aqueles que ocupam a
terra que lhe é de direito, pelo humano em mim,
pelo que há de gente em mim. Eu vi a poesia
de mãos dadas com a música, que estendia os
braços para a dança, que mexia o corpo tenso
da academia, que acordava o pensamento, que
perseguiu o sonho, que mobilizava a esperança,
que trazia a alegria, que fortalecia a vontade,
que mostrava o desejo, que fazia acreditar...
acreditar que há saber em todo ser e todo ser
pode criar... e transformar...

Lembrei os momentos..., afastei o pensamento
de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais
indo comer pão com manteiga, fingi que eu
não tinha participado, fingi que eu não havia
sido convidada (...) criava as mais falsas dificul-
dades para aquela coisa clandestina que era a
felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina
para mim. Parece que eu já pressentia. Como
demorou! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor
em mim. Mas eu fui convidada... eu participei da

festa... que foi um encontro com a esperança,
com a possibilidade, com a felicidade. Eu estive
no 1º Congresso Aberto da Universidade Popular
de Arte e Ciência. Foi no teatro Carlos Gomes.
Na praça Tiradentes. No Rio de Janeiro. Em 8
de julho deste ano. Já faz alguns meses, mas
continua forte. E não será esquecido.

Nesta semana, comemoramos 90 anos de Paulo
Freire. E ele estava presente e vivo no 1º Con-
gresso Aberto da Universidade Popular de Arte
e Ciência. Paulo Freire estava vivo porque arte
e ciência estavam presentes, porque não havia
hierarquia de linguagens, porque todos podiam
se expressar, porque pudemos experimentar
muitas belezuras como diria Paulo Freire.

Este educador nos ensinou que a educação é
um ato político. Jamais é neutra, porque, neces-
sariamente, contém uma intencionalidade. Ao
preparar o trabalho pedagógico, o educador
depara-se com decisões. Decide sobre conteú-
dos, metodologia, forma de avaliar, forma de se
relacionar com os educandos etc. Dependendo
das decisões, ou seja, das escolhas que faz, a
educação que realiza ao longo do tempo que
convive com os alunos pode contribuir para
silenciar, para "naturalizar" a opressão, para
formar sujeitos passivos, submissos, resignados
diante das adversidades ou pode contribuir
para formar um educando crítico, propositivo,
criativo, participativo, capaz de interpretar o
mundo e seu "estar sendo" nesse mundo... Um
educando que assume seu papel de sujeito na
história. Um educando que lê, compreende e
reescreve o mundo.

Para Freire, educar é promover a capacidade de
ler a realidade e de agir para transformá-la. Para
isso, a educação não pode se dar alheia ao con-





texto do educando, nem o conhecimento pode ser construído ignorando o saber dos alunos. Daí a importância da leitura do mundo.

Desde seus primeiros escritos, Freire procurava uma teoria do conhecimento que possibilitasse a compreensão do papel de cada um no mundo e de sua inserção na história. Ele estava preocupado em elaborar uma pedagogia comprometida com a melhoria das condições de existência das populações oprimidas. O conhecimento construído através do processo educativo, nessa perspectiva, tem a função de motivador e impulsionador da ação transformadora. O ser humano deve entender a realidade como modificável e a si mesmo como capaz de modificá-la. Sua pedagogia proporciona aos educandos a compreensão de que a forma de o mundo estar sendo não é a única possível. Ela revela como possibilidade tudo aquilo que a totalidade opressora apresenta como determinação.

Nesse processo de leitura e de releitura do mundo, de leitura e de releitura da palavra, uma leitura mais crítica do mundo e da palavra forma o sujeito, que constrói uma visão de mundo e que pode, a partir dessa visão, não apenas vê-lo, entendê-lo melhor, mas pode, assim fazendo, entender melhor como somos capazes de mudar o mundo pela nossa ação. Nessa problematização, o educador desafia os alunos para que expressem de maneiras variadas o que pensam sobre diferentes dimensões da realidade vivida. O educando dialoga com seus pares e com o educador sobre seu conhecimento, sobre sua vida. Essas discussões permitirão ao educador apreender a visão dos alunos sobre a situação problematizada para fazê-los perceber a necessidade de adquirir outros conhecimentos a fim de melhor entendê-la. No processo de construção do conhecimento, ele parte sempre de temas relacionados ao contexto do educando e da compreensão inicial que este tem do problema,

para, por meio de um processo dialógico, da relação entre educandos e educadores, ir ampliando a compreensão dos alunos, construindo e reconstruindo novos conhecimentos.

O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. A partir dela, uma “re-admiração” da realidade inicialmente discutida em seus aspectos superficiais vai sendo realizada com uma visão mais crítica e mais generalizada.

O ser humano é “ser de relação”, dizia Paulo Freire. Um ser caracterizado pela sua “incompletude”, “inacabamento” e pela sua condição de “sujeito histórico”. Os seres humanos “estão sendo”, são “seres inacabados, inconclusos”. “(...) Seres situados em e com uma realidade que, sendo igualmente histórica, é tão inacabada quanto eles, por isso passível de mudança, de transformação.

O diálogo é condição para o conhecimento. O ato de conhecer se dá num processo social e é o diálogo o mediador desse processo. Não é possível, para Paulo Freire, que a leitura de mundo seja esforço intelectual que uns façam e transmitam para outros. Ela é uma construção coletiva, feita com a multiplicidade das visões daqueles que o vivem.

Transmitir ou receber informações não caracterizam o ato de conhecer. Conhecer é apreender o mundo em sua totalidade e essa não é uma tarefa solitária. Ninguém conhece sozinho. O processo educativo deve desafiar o educando a penetrar em níveis cada vez mais profundos e abrangentes do saber. DO SABER QUE HÁ EM TODO SER. Nisso se constitui uma das principais funções do diálogo, que se inicia quando o educador busca a temática significativa dos educan-

dos, procurando conhecer o nível de percepção deles em relação ao mundo vivido.

A educação, numa perspectiva libertadora, exige a dialogicidade, portanto, a leitura do mundo coletiva. É a partir dela, do conhecimento do nível de percepção dos educandos, de sua visão do mundo, que Freire considera possível organizar um conteúdo libertador. A realidade imediata vai sendo inserida em totalidades mais abrangentes, revelando ao educando que a realidade local, existencial, possui relações com outras dimensões: regionais, nacionais, continentais, planetária e em diversas perspectivas: social, política, econômica, cultural, científica que se interpenetram. A localidade do educando é, dessa forma, o ponto de partida para a construção do conhecimento do mundo. Fazer os educandos falarem a partir de seu território, do seu lugar de vida, dos seus saberes, de suas formas de expressão, de sua convivência, trabalho, relações sociais, e, num movimento solidário, dialético e dialógico, criativo e crítico, ir permitindo que eles desvendem o local e o universal, denominem o mundo e se comprometam com as ações necessárias à construção do mundo novo, com justiça social e sustentabilidade, é a grande exigência de um projeto político-pedagógico voltado à formação da cidadania ativa e da transformação social.

Quem esteve no 1º Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência, viu Paulo Freire. Ele estava lá. Porque lá “ninguém ignorava tudo, ninguém sabia tudo”. Aprendemos em comunhão. Eu pude ver, presenciar. E eu guardo essa felicidade clandestina dentro do meu coração pensativo.

Ps.: O começo do texto se inspira em Clarice Lispector. In: “Felicidade Clandestina” - Ed. Rocco - Rio de Janeiro, 1998

SANDRA CELANO SOBRE O 1º CONGRESSO DA UPAC

Vitor,

Só um beija-flor seria capaz de traduzir ao pé do seu ouvido o que me vai no coração;
Só a poesia, ditada pela alma e em sintonia com todas as outras seria capaz de corporificar em uma pequena e linda pérola, o fruto desta experiência que seu trabalho me proporcionou;
E talvez apenas o silêncio sagrado e a reverência do meu ser a tudo e a todas as manifestações destes dias poderiam te dizer do quanto sou agradecida pelos aprendizados, pelos encon-

tros, pelos carinho e espontaneidade que nos envolveram.

Foi mesmo uma aposta no self, na força da essência, na sabedoria do campo organizador das formas e das expressões.

Obrigada!

Obrigada a todas as escolas populares e seus agentes que, tão lindos, desfilaram seus saberes, nos tocando, revirando, emocionando.

Obrigada a Amir Haddad e seus atores, à Nise, ao Nelson Vaz, ao Zé Pacheco, a Paulo Freire, à Heloísa, à Verinha, aos músicos e tantos outros curadores.

Obrigada à força do CEDAPS por refirmar sua aposta nas lideranças comunitárias!
E às luzes do inconsciente que saíram da sombra e viraram flor.

Estou muito tocada de vida!
Sandra



MAYANA DANTAS SOBRE O CONGRESSO UPAC

Gente,

que momento, que experiências de grandeza pudemos vivenciar no Rio com Vitor e sua trupe! Escutar um médico imunologista chamado Nelson Vaz, dizer que somos mais parecidos com redemoinhos do que com estátuas, deixando Amir Haddad quase sem palavras, mas mesmo assim, mostrando-nos como é uma pessoa capaz de crescer mais e mais e justamente por isso. Foi encantador. Reencontrar Junio Santos, eterno cirandeiro, que parecia mesmo nunca ter nos deixado, nos apoiando e fazendo a nossa apresentação mais bonita, junto com os meninos de

Janduís e Ray Lima. Este, sempre fazendo todos refletirem com a poesia que se expressa em cada veia, em cada corda vocal, em cada póro de sua pele, nos seus cabelos, demonstrando que as idéias devem estar enroladas fora da cabeça. E a professora Helena Costa fez todos chorarem, com suas expedições. Contando histórias de vida, de superação, vivenciadas por pessoas comuns que tanto nos engrandecem - como a história do menino que lia Adélia Prado para a irmã que, autista, sorria e deixava o pai dormir. Sem falar no irmão do Bussunda, careca de tanto saber que o mundo tem jeito, se a gente mudar, nos coletivizando, pensando, aprontando de uma maneira mais lúcida e que de poderosos não temos nada perante a força da natureza, não prejudicamos ninguém além de nossos próprios filhos, netos e os que ainda puderem descender dos humanos perante tanta destruição desse planeta. Sem falar no médico que disse ser a sua prática, arte, arte de ouvir, de interagir, de descobrir o outro - se embasbacando ao ver os outdoors vendendo saúde. A fala da representante do Instituto Paulo Freire lembrando que a educação é libertadora. O Instituto Nise da Silveira, com seus artistas de grande nome nacional, esquizofrênicos perante a sociedade, alguns calados deixam de ser para com afeto cuidarem de um cachorro; a terapia animal, hoje, utilizada em vários tipos de tratamento mundialmente.

José Pacheco da Escola da Ponte, conversando, afirmou para uma mulher que não consegue enxergar, não haver deficiência, e sim contextos não eficientes. Quem acredita nisso é incapaz de promover a inclusão, o que pratica é ilusão. Sem falar, na orquestra, nos atores, atrizes, palhaços, funkeiros, dançarinos, crianças capoeiristas, o Vitor, louco como só ele sabe ser, nos mostrando que a loucura precisa ser pensada, sua mãe e seu sorriso acolhedor, os convidados de outros estados, Naara e todos que a acolheram e nós, das Cirandas que também levamos um pouco de luz e de esperança para todos que também nos presentearam com as experiências de superação, transformação, arte, cultura, saúde.

Como disse o Amir, quanta força existe querendo nos transformar em estátuas, mas fazemos parte das que querem mostrar que somos redemoinhos. Devemos estar então na borda desse redemoinho para que não nos sufoquemos e possamos girar, respirando a liberdade... Viva arte que dá vida, viva vida que dá arte!

Só pra vocês terem uma idéia da loucura do Vitor, tinha um estandarte do Paulo Freire e outro da Nise, havia ainda um boneco gigante do educador popular. O Amir confundiu o Vitor, que às vezes parecia estar se vingando da Xuxa, com a Carmen Miranda.

Jair entrou com seu toque do candomblé na fala de uma história sobre Iansã e quem quiser que conte outra, outras...



ERCÍLIA MENDONÇA SOBRE O CONGRESSO DA UPAC

Vitor, parabéns pela bela e grande festa de cidadania que o **1º Congresso da Universidade Aberta** promoveu. Encontro encharcado de vozes, gestos e ações dos comuns e dos que, realmente, se preocupam com eles. Palavras... estas não faltaram, pois tudo que bate no coração se enche de vida e é reverberado em forma de palavras. Palavras que todos ouvem, mas que poucos entendem ou querem entender. Esta foi a festa do coração, da reflexão, da chamada ao humano desumanizado e cego. Festa da afetividade, da generosidade do seu coração que cabe todos e tudo. Festa nunca antes vista na Secretaria Municipal de Saúde da cidade do Rio de Janeiro. Maravilhosa bagunça colorida, organizada e responsável com meta definida: **a reflexão para ver o outro, o olhar para o outro**. Festa que despiu preconceitos dos que lá estavam, tornando as palavras reais, vivas e vividas por quem as vive e fala. A sua luta pela cidadania encontra eco e razão, pois todo o tempo pôde-se ver claramente quem está em cima e quem está em baixo, quem tem poder e não olha e nem escuta quem está embaixo e, quem não tem e luta para sobreviver. Pessoas que não vêem com o coração, mas com números, cifras, planejamentos tortos, desencontrados; projetos políticos equivocados, inadequados, inacabados por natureza e, pessoas ricas que tem tanto para dar, que precisam de tão pouco, mas que são oprimidas. As histórias que foram contadas por quem as viveu e as modificou com a ação da afetividade e do coração. Quem ousa dar voz ao coração transforma e se transforma. Coração é vermelho, é movimento constante. Coração é vida. Acho que a humanidade não sabe que quem manda no corpo é o coração,

porque ela insiste em apostar somente no cérebro. Sem o coração o cérebro perece, pois não há fluxo. Coração é o motor do corpo que está sempre em alerta, chamando atenção, fazendo ver aos cegos e surdos funcionais. Pensar é bom, mas sentir é melhor ainda, e bem mais, quando sentimos todos juntos, unidos por uma causa nobre que enriquece a todos. Causa em que todos estão livres para pensar, falar, sentir... se exercer. Não participamos impunemente da vida, e tenho certeza, cada um levou dentro de si a sua semente de idéias implantadas neste congresso para a Ciência, Cultura e Saúde, que já nestes dois anos e meio vem produzindo frutos. Somos humanos..., humanos, não devermos nunca esquecer isso. Não devemos, não podemos esquecer que só nos vemos no outro, sem ele não existimos, ele é a nossa referência mais viva e verdadeira da nossa existência e deve ser a nossa razão de viver. Temos que cultivar o outro para que possamos viver e crescer. Vitor, como um anarquista nato, enérgico e inquieto, com fome de cidadania e direitos para todos, reuniu pensadores e pensamentos libertários para agregar a sua causa que está ficando cada vez maior e importante: **consultar com o coração, auscultar com a boa vontade e receitar afetividade**. Está semente plantada na Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil da cidade do Rio de Janeiro deve ser regada, cuidada e multiplicada por todos, pois não há outro caminho para a saúde onde a doença está na desumanização, na falta da palavra, na ausência da escuta, no gesto acolhedor, no olhar que aquece o coração, na mão estendida que apóia. Por incrível que pareça, estes são gestos simples que curam e só acredita neles

quem já os praticou e experimentou. Estamos indo a passos largos para a era da consciência do homem e este caminho é irreversível, pois esta aqui é a última fronteira do mundo material, depois, será você e o outro apenas, se não começara olhar, a exercer o seu olhar para o outro, se não aderir o olhar do coração, não entrará nesta era. Ficará no meio do caminho, sozinho, com todo o peso material acumulado e o coração vazio e triste. Pense e aja em função do outro, se ele estiver feliz você também vai estar. Todos nós sabemos que há momentos críticos na vida em que apenas isto basta: ver o outro feliz. Compartilhe afetividade, amor verdadeiro pelo outro. Vitor, parabéns, mais uma vez pela sua vitalidade, força, coragem, criatividade, insistência, persistência e, principalmente, pelo amor que dedica à causa do próximo. Parabéns a toda a sua equipe e aos atores, incansáveis na adesão da sua proposta de promover uma saúde mais justa e equilibrada, foram dezesseis horas, uma maratona pela ciência, pela cultura, visando a saúde. Existem pessoas que nasceram para brilhar, outras, para fazer brilhar, você é uma dessas pessoas, que encaminha para a luz através do saber e do exercer. Se cada um de nós fizer, realmente, algo efetivo pelo próximo, conseguiremos nos salvar a todos. A natureza está aí, irada, demonstrando que esta situação é real. O único patrimônio que nós temos e que poderá nos salvar é o outro, tudo o mais ela transforma em nada em segundos. Palavras chave para o século XXI: afetividade e efetividade (estas palavras estão na lei quântica, teoria que nos rege no presente momento desde a saída do século XX). Pense com o coração, HUMANIZE-SE, PRATIQUE AFETIVIDADE, VEJA O OUTRO.



1º Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência e Fala Comunidade 11 7 e 8 de julho de 2011 - Teatro Carlos Gomes - Rio de Janeiro-RJ

FICHA TÉCNICA

Todos e todas que lutam pela liberdade.

Comitê Executivo de Organização

Vitor Pordeus
Wanda Lucia B. Guimarães
Kátia Edmundo
Fransérgio Goulart
Simone Chudo
Eduardo Rocha
Maria do Socorro Lima

Composições e Direção Musical

Maestro Alexandre Schubert

Retreta do Apocalipse

Marina Bonfim - flauta
Cesar Bonam - clarinete
Reinaldo Godoy - trompete
Emerson Costa - Saxofone
Azael Neto - violão e guitarra
Dudu Louro - Piano
Luís Conceição - Contrabaixo
André Silvestre - Bateria e percussão

Teatro de Revista Científica

Vitor Pordeus
Gabriela Haviaras
Clara Soria
Caetano O'Maihan
Leonardo Rosa

Músico Convidado Especial

Edu Viola

Comunicação

Roberto Pontes
Cristhianne Mandalozzo Vassão
Leonardo Neves
Cristiane Bittencourt
Letícia Serafim
Debora Pio Dantas
Alysson Silverio
Ana Maria Oliveira
Cristiane Conceição

Recepção

Nancy Costa
Neci Oliveira
Anne Reder
Luiza Matheus
Jaqueline Paiva
Juliana Maio
Geisa Ferreira
Monike Rangel

Reporteres Cidadãos

Leonardo Neves
Cristiane Bittencourt
Paulo Weber
Mauricio Tosta
Toni Melo
Tia Nana Ferreira
Mano Jorge
Alan Novo

Equipe Teatro Carlos Gomes

Ana Ignacio
Claudia Garcia
Cecília Harrigan
Jorge Afrânio
Alex Pereira

CONVIDADOS

Hans Dohmann - Secretário Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro.
Franklin Coelho - Secretário Especial de Ciência e Tecnologia - SECT.
Carlos Antonio da Silva - SECT.
Maria Helena Jardim - SECT.
Amir Haddad - Instituto Tá Na Rua para as Artes, Educação e Cidadania, Rio de Janeiro.
Luiz Roberto Londres - Clínica São Vicente, Rio de Janeiro.
Nelson Vaz - UFMG, Belo Horizonte.
José Pacheco - Escola da Ponte, Vila da Aves, Portugal.
Heloisa Helena Costa - Expedições Patrimoniais, UFBA, Salvador.
Sérgio Besserman Vianna - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
Francisco Gregório Filho - Instituto Rio de Histórias, Rio de Janeiro.
Cecília Göpfert - Instituto Rio de Histórias, Rio de Janeiro.
Regina Porto - Instituto Rio de Histórias, Rio de Janeiro.
Louise Silva - Superintendência de Promoção da Saúde - SMSDC.
Angela Antunes - Instituto Paulo Freire, São Paulo.
Ivo Brito - Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais/Ministério da Saúde.
Magali Eleutério da Silva - Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais/Ministério da Saúde.
Damiana B. Oliveira Neto - Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais/Ministério da Saúde.
Pedro Chequer - UNAIDS.
Lucia Xavier - Assessoria DST/Aids e Hepatites Virais/SESDEC.
Lilian Lauria - Gerência dst/aids SMSDC.
Ivone de Paula - Centro de Ref. Treinamento em DST/AIDS/ Secretaria de Estado de São Paulo.
Lucille Mary Soares - Coordenação DST/Aids/Pre-feitura Municipal Itaquaquecetuba.
Ione de Oliveira - Grupo Mulheres de Rocha 1/ Quilombo Mangueiras, Minas Gerais.
Maria da Liberdade Cavalcante - Movimento dos Atingidos por Barragens, Tocantins.
Josimar Luna - Projovem Adolescente / Comunidade Mãe Luiza, Natal.
Benilda - Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras.
Sonia Grupo de Mulheres Negras Malunga.
Sandro Nunes - Conselho Nacional das Populações Extrativistas-CNS.
Simone Cruz - Rede de LaiLai/ Apejo /Associação Cultural de Mulheres Negras.
Roberto Maia - Centro de Testagem e Aconselhamento - João Pessoa.

Clementina Correia Pereira - Central de Movimento Popular.
Maria Helena Santos - Conselho Comunitário de Desenvolvimento Social do Bairro Benedito Bentes, Alagoas.
Carlos Basília - Observatório de Tuberculose.
William Amaral - Fórum Ong Aids do Estado do Rio de Janeiro.
Roberto Pereira - Fórum Ong Tuberculose do Estado do Rio de Janeiro.
Eliane Ribeiro - Contação de Histórias Afro-Brasileiras
Raquel Caratata - teatro popular.
Pelezinho - Artista popular.
Carla Morazzi - cantora.
Luiz Fernando Sarmento - Cineasta e agitador.
Tania Araujo Jorge - Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

Cirandas da Vida/ Sistema de Saúde Escola da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza/CE.

Vera Dantas
Honorato Filho
Jair Soares
Mayana Dantas
Antonio Edilson

Escambo em Travessia

Ray Lima
Junio Santos
Berg Bezerra
Jardeu Amorim
Léo Alves
Vitor Miranda
Felipo Rodrigo
Diego Tavares

Grupo Tantan, Santos, SP

Claudia Elias
Renato Di Renzo
Thais Aires
Felipe Pancas
Raphael Loreiro
Genesis Santos
Pietro Pillilini
Gilvan Xavier
Iraci Santos
Mariana Reis

Unidade Cultural de Saúde / Clínica da Família Pavão, Pavãozinho, Cantagalo
Gert Wimmer (NCCS/SMSDC)
Marcus Matraca - IOC/FIOCURJ

ESCOLAS POPULARES DE SAÚDE

Escola Popular de Saúde do Morro Azul

Agente Cultural de Saúde Aldecir Costa, Vera Lembo,
Lana Cantarelli e Marcelo Freixo
Grupo de Samba Pilão da Vovó
Tia Nana Ferreira

Palmares e Manguariba

Agentes Culturais de Saúde
Paulo Weber
Alan Guimarães
Augusto Nascimento
Coral e grupo de percussão com instrumentos reciclados da Escola Municipal Cora Coralina
Toni Melo – Poeta e Cantor Popular
Cidinho Mendes – Cantor gospel e MPB
Gabriela Borreux – Cantora Popular
Sr Carlão – Educador Popular e Artesão de material reciclado
Guaraci de Paula - Poeta
Manu - Artista Plástica

Escola Popular de Saúde Yemanjá

Ialorixá Mãe Tânia de Yemanjá
Agente Cultural de Saúde Wanderson Henriques,
Yone Carmo e Andrea Lins
Voluntários Jorge Alexandre, Paula Prieto

Escola Popular de Saúde do Alemão

Agente Cultural de Saúde Sandra Amado
Mariza Nascimento
Clotildes Pereira
Maria Madalena
Ivanir Toledo

Escola Popular de Saúde de Vigário Geral

Agente Cultural de Saúde Anderson Ribeiro

Escola Popular de Saúde Morro do Urubu

Sonia Regina Gonçalves - Associação de Mulheres e Amigos do Morro do Urubu
Agentes Culturais de Saúde: Fernando Brito, Alan Carvalho e Jacques Anderson

Escola Popular de Saúde Nova Brasília

Agente Cultural de Saúde Manoel Mariano

Escola Popular de Saúde Pedra do Sal

Agentes Culturais de Saúde Ana Paula Ferrão e Francine dos Santos

Escola Popular de Saúde Vila Cruzeiro

Agente Cultural de Saúde Ana Lucia Souza

Instituto Municipal Nise da Silveira

Museu de Imagens do Inconsciente, Diretor Luiz Carlos Mello e Gladys Schincariol
Agentes Culturais de Saúde Maurício Tosta, João Belo, Luís Carlos Jansen e Alex Oliveira.

Coleção de Plantas Medicinais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Profa. Yara Britto, Danilo Marques da Silva (Agente Cultural de Saúde)

AGRADECIMENTOS

Secretaria Municipal de Cultura

Secretário Emílio Kalil
Subsecretário Walter Santos
Gerente de artes cênicas Alessandra Reis
Assessora Juliana Peixoto

Centro de Artes Calouste Gulbenkian

Antônio Pedro Borges
José Paulo Pessoa
Enilson D'Oliveira
Maria Elisa Churro
César de Oliveira

Agradecimentos Especiais

Flavio Alcoforado, Maria Ozana Gomes, Karla Damiani, Rogério Ravaglia, André de Mattos Correia, Paula Fiorito, Claudia Ferrari, José Marmo Silva, Juliana Trindade, Jussara Calmon Soares, Sebastian Freire, Paula Travassos, Patrícia Canto Ribeiro, Joel Ribeiro, Claudia Nastari, Pedro Lima, Carla Cazelli, Paulo Roberto Murad, Sonia Serafim, Denile Oliveira, Jucema Fabricio Vieira, Ana Brum, Marco Esser, Ana Claudia Daflon Lescaut, Celso Jucá, Mauro Medina Jr, Julia Pires,

Apoio / Estrutura

Luís Otávio Arcoverde, Marcelo Souza, Mauro Chagas, Lenilson Isaías dos Santos, Vera Lucia e Gomes Pereira

Relatoria

Ives Rocha, Geisa e Jaqueline

Fotografias

Marina Faissal e Comunicação CEDAPS

A todos os 654 participantes desses dois dias de arte, ciência e saúde em 2011.

1º CONGRESSO ABERTO DA UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA / 11º FALA, COMUNIDADE!



REALIZAÇÃO



PARCERIA

